

Brasil usará forma inovadora para ter recursos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, anunciou, ontem, que já existe um tipo de cronograma para as futuras negociações da dívida externa brasileira, contando com “formas inovadoras” para levantar os recursos que o País necessita até o fim do ano. A primeira idéia é conseguir dinheiro junto aos Governos do Japão, da Alemanha e no Eximbank americano.

— Com eles, poderemos conseguir cerca de US\$ 800 milhões. Depois, com o Banco Mundial e com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, levantaríamos US\$ 1 bilhão ou mais. O setor privado, então, comporia o hiato que falta para atingirmos o total de recursos, afirmou Marcílio.

Para o Embaixador, o “Fundo Brasil” poderia aportar até US\$ 200 milhões, com recursos dirigidos para as Bolsas de Valores brasileiras.

— Para não repetir o esquema dos empréstimos, do qual os bancos já estão cansados, o Brasil poderia captar recursos através de formas inovadoras, como bônus, taxas flutuantes e debêntures, revelou o Embaixador brasileiro em Washington.



Embaixador Marcílio Moreira

O acordo com o Clube de Paris chegou em um momento bastante oportuno, uma vez que é esperada uma queda na taxa nominal de juros facilitando um pouco mais a situação brasileira. Segundo o Marcílio Marques Moreira, que foi o principal articulador do acordo de Paris, ao convencer o Governo Reagan a flexibilizar sua posição, brevemente seria anunciada a queda dos juros na Alemanha e no Japão. Isso, fatalmente ajudará à queda dos juros também nos Estados Unidos:

— No ano passado, a taxa ficou entre sete, cinco e oito por cento Libor e, este ano, podemos esperar entre cinco e seis por cento, disse o Embaixador. Com

o preço do petróleo entre US\$ 15 e US\$ 16, o crescimento do comércio em torno de quatro por cento, e o do PIB mundial pouco abaixo de três por cento, as condições ficam boas para o Brasil.

Para os banqueiros americanos, o acordo alcançado pelo Brasil com o Clube de Paris não significou apenas uma mudança na política da administração Reagan, mas também uma demonstração de flexibilidade do Governo brasileiro. “Há um ano, o Presidente Sarney não permitiria sequer que uma equipe do Fundo Monetário Internacional visitasse o País. Agora, o relacionamento entre o Brasil e o Fundo anda melhor”, comentou um funcionário da Casa Branca. Segundo ele, daqui por diante, o Brasil permitiria ao FMI olhar a economia do País “mais de perto do que o comum”.

As concessões de ambas as partes, que culminaram no acordo de Paris, repercutiram favoravelmente — para o Brasil — entre os seus credores nos Estados Unidos. Em um jantar reservado com o Embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, na quarta-feira, um banqueiro admitiu que o reescalonamento da dívida, alcançado horas antes na Europa, era a chave para o País entrar nas negociações com o setor privado.